

**Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ**

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília  
IHD - Dpto. de História  
Brasília -DF- 70910-900

[www.pej-unb.org](http://www.pej-unb.org)

**"O MITO DO 'IMPERADOR DOS ÚLTIMOS DIAS' NO  
APOCALIPSE DO PSEUDO-METÓDIO E A PROPAGANDA EM  
FAVOR DAS CRUZADAS: UMA FIGURA MÍTICA APROPRIADA  
PELA FÉ CRISTÃ"**

19-23 DE OUTUBRO 2009

**"VIII JORNADA DE HISTÓRIA ANTIGA"**

Stefanie Cavalcante

História / 5o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

O objetivo deste *paper* é explicitar a presença do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* no contexto da Primeira Cruzada, e a influência do mito do "Imperador dos Últimos Dias", desenvolvido no opúsculo, na imaginação do Cruzado. Para tal, farei uso de documentos contemporâneos da Primeira Cruzada, e de comentadores dos usos do *Pseudo-Metódio* no medievo, e assim pretendo demonstrar que o mito do "Último Imperador" foi mais um estímulo para a certeza da vitória dos Cruzados em Jerusalém.



## A influência do "oráculo de Amon" na vida religiosa de Alexandre: sincretismo, propaganda e perplexidade

O Conselho de Clermont ficou reunido de 18 até 28 de novembro de 1095, com aproximadamente trezentos clérigos sob a liderança do Papa Urbano II. Além dos assuntos corriqueiros, como a excomunhão de reis e bispos<sup>1</sup>, foi anunciado que no dia 27 de novembro, terça-feira, o Papa reuniria uma assembléia pública para um grande anúncio. No dia marcado, vários clérigos e multidões de crentes esperavam pelo grande evento. Foi neste contexto que Urbano II proclamou a Primeira Cruzada.

Cinco cronistas relatam as palavras de Urbano, quatro deles são contemporâneos, e um escreve aproximadamente trinta anos depois do discurso<sup>2</sup>. Dadas as condições das fontes, só é possível conhecer uma aproximação do discurso. Dessa forma, é possível notar que Urbano era grande orador, e começa seu discurso explicitando que recebeu um pedido de ajuda dos cristãos do Oriente. Descreve as dificuldades que os peregrinos passaram ao tentar penetrar o território dominado pelos turcos, e pintando a imagem sombria do vale pelo qual cristandade oriental passava, finalmente, faz o apelo. Que o Ocidente marche em resgate ao Oriente,

---

<sup>1</sup> O Rei Felipe foi excomungado por adultério, e o Bispo de Cambrai por simonia, entre outros assuntos que preocupavam a Igreja na época. Steven Runciman. *A History of the Crusades*. Cambridge: Cambridge University Press, 1954. (3 vols.)

<sup>2</sup> Os quatro contemporâneos são Roberto o Monge, Baudri de Dol, Fulcher de Chartres e Guibert de Nogent. O quinto é William de Malmesbury. Para o testemunho dos quatro primeiros autores uso a versão online das fontes em: "Medieval Sourcebook: Urban III (1088-1099): Speech at Council of Clermont, 1095, Five versions of the Speech." <<http://www.fordham.edu/halsall/source/urban2-5vers.html>> in: *Medieval Sourcebook*. 21/09/2009. Para William de Malmesbury: Runciman, op.cit. vol.1, p.106. E especificamente para Fulcher de Chartres há uma tradução para o português in: Maria Guadalupe Pedrero-Sánchez. *História da Idade Média: Textos e testemunhas*. São Paulo: UNESP, 1999.



dominado pelos infiéis. Feito o apelo, a comoção tomou conta da assembléia. No momento do anúncio, antes mesmo que Urbano tivesse terminado suas palavras, o Bispo de Le Puy, se levanta e aproximando-se do trono papal, pede permissão para participar do resgate. Centenas de expectadores seguiram o exemplo do bispo<sup>3</sup>. Assim foi lançado o apelo a Cruzada.

O contexto de anúncio da cruzada foi muito propício para o crescimento do "espírito" apocalíptico. Os anos pré-1095 estavam cercados de desastres e desgraças no Ocidente. O ano de 1094 foi de inundações e pestes, seguidas pela fome em 1095<sup>4</sup>. Até mesmo uma chuva de meteoritos, em abril de 1095, foi interpretada como multidões peregrinando para a Terra Santa<sup>5</sup>.

Nesse contexto de florescimento de expectativa apocalíptica, onde a crença na "Segunda Vinda de Cristo" era manifesta como iminente, é possível encontrar um número elevado de escritos apocalípticos e profecias que retratassem um mundo semelhante àquele em que os homens medievais viviam e que oferecesse consolo para o futuro da cristandade<sup>6</sup>. É nesse momento que quero introduzir a análise da presença do *Apocalipse do Pseudo-Metódio*.

São Metódio viveu entre fins do séc.III e início do séc.IV, e vários de seus escritos chegaram aos nossos dias,

---

<sup>3</sup> Baudri de Dol, op.cit.

<sup>4</sup> Runciman, op.cit.

<sup>5</sup> Bispo Gislebert de Lisieux interpreta chuva de meteoros como predição de um movimento de pessoas para a Terra Santa, o relato está em: Runciman, op.cit. p.115, com atenção para as notas bibliográficas no fim do livro.

<sup>6</sup> Sylvain Piron. "Anciennes sibylles et nouveaux oracles. Remarques sur la diffusion des textes prophétiques en Occident, VII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup> siècles" in: Stéphane Gioanni e Benoît Grévin (eds.). *L'Antiquité tardive dans les collections médiévales. Textes et représentations, VI<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup> siècle*. Rome: École Française de Rome, 2008. Pp.262-304. O autor usa como exemplo a difusão do *Apocalipse do Pseudo-Metódio*, e na página 273 há uma tabela onde é possível perceber um aumento na produção de escritos proféticos dos sécs.VIII-X (11 mss.) para os sécs.XI-XII (33 mss.).



alguns originais, outros em traduções eslavas que remontam ao séc.XI. As informações a respeito da vida e da posição eclesiástica de São Metódio são poucas e confusas, mas aparentemente exerceu sua atividade literária entre 270 e 310 d.C. na Lícia onde, segundo a tradição, foi bispo, ou, na opinião de alguns investigadores modernos, preceptor de uma escola teológica. Na segunda metade do séc.VII um autor siríaco, provavelmente um monge, redigiu uma obra apocalíptica e atribuiu a autoria de seu opúsculo a São Metódio<sup>7</sup>.

O *Apocalipse do Pseudo-Metódio*<sup>8</sup> foi, assim escrito na segunda metade do séc.VII, provavelmente em Singara<sup>9</sup>, hoje noroeste do Iraque. O original está em siríaco, e no mesmo século da redação o escrito foi traduzido para o grego<sup>10</sup>. A tradução do *Apocalipse* para o latim foi feita no séc.VIII, junto com as invasões omíadas para a África e Espanha, e o opúsculo é copiado daí em diante no Ocidente<sup>11</sup>.

A quantidade de reproduções dos escritos do Pseudo-Metódio é grande, dessas chegaram até nós 4 diferentes versões latinas<sup>12</sup>. Em consequência do interesse que os

---

<sup>7</sup> José van den Belessar. "A profecia apocalíptica de Pseudo-Metódio" in: *Luso-Brazilian Review* 28, 1991.

<sup>8</sup> As edições mais atuais do *Apocalipse* são: Gerrit J. Reinink. *Die Syrische Apokalypse des Pseudo-Methodius*. Leuven: Peeters, 1993; Willem J. Aerts e Georgius A. A. Kortekaas. *Die Apokalipse des Pseudo-Methodius. Die ältesten griechischen und lateinischen Übersetzungen*. Leuven: Peeters, 1998. (2 vols.)

<sup>9</sup> Um prefácio que só está contido na versão em siríaco é dito que a revelação foi dada a Metódio por um anjo no Monte Singara.

<sup>10</sup> Gerrit J. Reinink "Pseudo-Methodius und die Legend von römischen Endkaiser" in: *Syriac Christianity under Late Sasanian and Early Islamic Rule*. Aldershot / Burlington: Ashgate Variorum, 2005.

<sup>11</sup> A versão latina dos manuscritos que usarei neste trabalho encontra-se em: Ernst Sackur. *Sibyllinische Texte und Forschungen*. Halle: Niemeyer, 1898. Pp.59-96. Com relação a difusão inicial do Pseudo-Metódio no Ocidente, há uma figura muito interessante produzida no séc. IX que está reproduzida em Bernard McGinn. *Antichrist: Two Thousand Years of the Human Fascination with Evil*. New York: HarperCollins, 1994. p. 106, que o autor sugere que possa se tratar de uma representação do "Imperador dos Últimos Dias".

<sup>12</sup> Sackur, op.cit.



copistas tinham pelo *Apocalipse*, ele é um dos textos proféticos mais influentes e comuns no Ocidente<sup>13</sup>. Existem onze cópias anteriores ao ano 1000, e a mais antiga delas data de fins do séc.VIII<sup>14</sup>. Nas proximidades da Cruzada a importância do Pseudo-Metódio aumenta ainda mais.

O Papa Gregório VII colocou o papado em um lugar especial na sociedade com a idealização da Cruzada e sua administração marcante estimulada pela Reforma. A enorme importância atribuída a instituição do papado após a Era Gregoriana traz um impasse muito claro entre papado e império. Assim, o papel da Cruzada com relação a esta instituição é como o movimento de peregrinação e o destino de Jerusalém marcaram a posição apocalíptica da Terra Santa, e como o lugar do papado nesse acontecimento marca um desafio ao entendimento tradicional de uma ligação que existiria entre o "Último Imperador" e Jerusalém<sup>15</sup>. Dessa forma, o papado toma um lugar de liderança e força, que se evidencia quando junto com manuscritos do Pseudo-Metódio é possível encontrar listas de sucessões de papas, paralelas a de sucessões de imperadores<sup>16</sup>. O lugar do papado deveria ser atestado, e a função apocalíptica do Papa estava firmemente estabelecida com os seguidores de Gregório<sup>17</sup>.

O Pseudo-Metódio relata as invasões muçulmanas ao Império Bizantino no séc.VII. No texto, o autor faz questão de ressaltar as desgraças do mundo sob domínio dos "filhos de Ismael" que durará "dez semanas de anos"; então haverá um momento em que os invasores se sentirão a salvo e

---

<sup>13</sup> Piron, op.cit.

<sup>14</sup> Idem, p.270. Atenção para a nota 32.

<sup>15</sup> McGinn, *Antichrist*, op.cit. pp.121-122.

<sup>16</sup> Piron, op.cit. p.276.

<sup>17</sup> Bernard McGinn. "Angel Pope and Papal Antichrist" in: *Church History* 47, 1978.



poderosos, e dirão: "os cristãos não têm salvador"<sup>18</sup>. Nesse momento surgirá o rei que destruirá os infiéis:

*Repentinamente tribulação e aflição virão sobre eles [os muçulmanos]. O rei dos gregos, e dos romanos, surgirá contra eles em grande fúria, como desperto de sono de vinho, aquele a quem os homens pensavam estar morto e sem utilidade<sup>19</sup>.*

O "rei dos gregos e dos romanos" é aquele que virá em socorro da cristandade, derrotando os infiéis terá sob seu domínio todo o mundo. Dessa forma, o poder é devolvido às mãos dos cristãos, que estarão protegidos por esse rei durante "dez anos e meio" nos quais ele morará em Jerusalém, até que, findado o tempo, o "filho da perdição" será revelado<sup>20</sup>. Com o surgimento do Anticristo, o "rei dos gregos e dos romanos" subirá ao Gólgota, a Santa Cruz será erguida, ele colocará sua coroa sobre a cruz, erguerá as mãos para o céu e entregará seu reino cristão para Deus, cumprindo assim a palavra do profeta Davi que diz: "[...] e a Etiópia erguerá suas mãos para Deus" (Sl 68:31). Cumprida a profecia, o espírito do "rei" deixará o seu corpo, e ele morrerá.

---

<sup>18</sup> Sackur, op.cit. p.89. Com relação ao mito do "Imperador dos Últimos Dias" que se levanta contra os infiéis como se estivesse morto, há uma mudança da versão siríaca para a grega. Na versão em siríaco é dito que o rei "lutará contra os homens (os árabes) como se eles estivessem mortos". Na tradução do siríaco para o grego um erro foi cometido e a passagem se tornou "a quem os homens consideravam estar morto", e esse erro foi transmitido para a versão latina, inaugurando o mito do rei que retornaria dos mortos, mais tarde aplicado a Carlos Magno. Para a indicação desse erro, cf. Paul J. Alexander. "The Medieval Legend of the Last Roman Emperor and it's Messianic Origin" in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 41, 1978. P.3, nota 7. Há uma tradução desta passagem em McGinn, *Antichrist*, op.cit. p.91, nota 75, que contém um pequeno erro, mas que está sanado pelo autor em *Visions of the End. Apocalyptic traditions in the Middle Ages*. New York: Columbia University Press, 1979. P.75.

<sup>19</sup> Id.ibidem.

<sup>20</sup> Idem, p.93.



Com a reprodução do Pseudo-Metódio pelo Ocidente medieval, logo o mito do "Imperador dos Últimos Dias" fica conhecido e tem uso imediato nas proximidades das Cruzadas. A esperança em um líder terreno, mas que será estabelecido e fortalecido por Deus, que unirá o Oriente e o Ocidente sob seu domínio, que salvará a cristandade das mãos dos infiéis, preparará os crentes para a "Segunda Vinda de Cristo", libertará Jerusalém, como o rei descrito por Pseudo-Metódio, era ideal para o contexto dos Cruzados.

Pode-se argumentar acerca da presença de figuras míticas como o "Último Imperador" em outros escritos que circulavam as vésperas da Cruzada além do Pseudo-Metódio, como na *Sibila Tiburtina*, então trarei abaixo um exemplo de uso claro do "Último Imperador" retratado na *Tiburtina*.

A *Sibila Tiburtina* latina é, provavelmente, derivada de um original grego que também deve ser a fonte para o *Oráculo de Baalbek*. A *Tiburtina* latina conta sobre Constâncio, rei que governará os gregos e romanos, e reclamará todo o império cristão para si. Em cada templo uma cruz será erguida e, findado o tempo previsto para seu reinado todos se converterão a verdadeira fé, mas nesse momento surgirá o Anticristo<sup>21</sup>. Todavia, a figura do "Último Imperador", representada por Constâncio, parece não estar presente no original grego, mas em algum momento foi acrescentada na versão latina que chegou até nós, provavelmente influenciada pelo Pseudo-Metódio<sup>22</sup>.

Assim, as manifestações de indivíduos que se colocam como o "Último Imperador", ou que projetam essa imagem

---

<sup>21</sup> Sackur, op.cit. pp. 114-187.

<sup>22</sup> McGinn, *Visions of the End*, op.cit. É possível que a função de "Último Imperador" tenha sido atribuída a Constâncio até mesmo por influência do Pseudo-Metódio.



sobre homens contemporâneos seus podem ser vistas nas fontes e Cohn indica algumas dessas figuras<sup>23</sup>.

Assim, poucos anos antes da Primeira Cruzada, Benzo, bispo de Alba, é um dos primeiros a sobrepor a figura mítica do "Último Imperador" retratado na *Tiburtina* a um rei medieval<sup>24</sup>. O bispo narra que Henrique IV conquistaria Bizâncio, derrotaria os infiéis e marcharia para Jerusalém. Na Terra Santa, o imperador encontraria o Anticristo, lutaria com ele e o venceria, e depois governaria um reino universal até o fim dos tempos.

Com toda a euforia antes da Cruzada, e principalmente com a ajuda dos pregadores menores, a população estava cheia de histórias sobre como Carlos Magno havia ressuscitado dos mortos com o propósito de liderar as Cruzadas<sup>25</sup>. A primeira imagem da lenda sobre Carlos Magno e sua visita a Jerusalém está na segunda metade do séc.X, no relato de Benedito o Monge<sup>26</sup>, que narra uma peregrinação liderada pelo imperador romano até o Santo Sepulcro. Todavia, esse relato parece ter contribuído pouco para a formação da lenda; é somente nas proximidades da Primeira Cruzada que a história de um grupo armado liderado por Carlos Magno a caminho de Jerusalém vem à tona<sup>27</sup>.

Assim, com a solidificação da lenda sobre a volta de Carlos Magno, foi propício para o clero pregar sobre a liderança do *Carolus redivivus* para recuperar Jerusalém<sup>28</sup>.

---

<sup>23</sup> Norman Cohn. *The Pursuit of the Millennium*. New York: Oxford University Press, 1970.

<sup>24</sup> Benzo, bispo de Alba. McGinn, *Visions of the End*, op.cit. p.90. O autor traz a tradução para o inglês da passagem citada.

<sup>25</sup> Sabemos muito pouco sobre o grau de impacto das expectativas messiânicas e apocalípticas na imaginação das massas de pobres que fizeram a peregrinação. As fontes que dispomos não são confiáveis para esse mérito. McGinn, op.cit. p.89.

<sup>26</sup> Benedictus Monachus. "Chronicon Benedicti Monachi." in: *Documenta Catholica Omnia*. <<http://www.documentacatholicaomnia.eu/>>. 11/06/2009.

<sup>27</sup> McGinn, *Antichrist*, op.cit. p.103, nota 130. Existem manuscritos sobre a lenda de Carlos Magno junto com escritos sobre Metódio.

<sup>28</sup> Cohn, op.cit.



E nas mãos dos *profetae* Carlos Magno também se tornou o rei maior, o patrono dos pobres. Consolidado o mito da volta do imperador romano não foi difícil para a população identificar Carlos Magno com o "rei dos gregos e dos romanos" que os homens pensavam estar morto e sem nenhuma utilidade, como descrevera Pseudo-Metódio em seu apocalipse.

Dentre vários outros exemplos de figuras que se apropriam do título de "Último Imperador"<sup>29</sup>, Emico ou Emich, Conde de Leiningen, é o mais notável. Ele era um barão feudal famoso por sua ferocidade, liderou o massacre de vários judeus ao longo do Reno<sup>30</sup>, e dizia ter sido chamado para carregar a cruz por uma visão que Deus lhe enviara. A fama de bom soldado trouxe a Emico grande apoio da nobreza, e vários lordes se juntaram a ele em sua missão. Ignorando as ordens do imperador Henrique, convenceu seus seguidores a partirem no dia 3 de maio para o ataque a uma comunidade de judeus perto de sua casa. O ataque não foi muito próspero; o bispo de Spier colocou a comunidade judaica sob sua proteção. Todavia, ao chegarem a Worms, Emico e seus seguidores iniciaram uma nova perseguição aos judeus, desta vez com dimensões alarmantes<sup>31</sup>. Outro grande massacre seguiu-se em Mainz. Parece que a horda atacava todos os judeus que encontrava pelo caminho.

A respeito da marca que dizia carregar no ombro, o barão contava que um dia um mensageiro de Deus veio a ele e colocou sobre sua carne uma marca divina, o que claramente era sinal de ter sido escolhido por Deus. Segundo ele, era

---

<sup>29</sup> Id. *ibid.*.

<sup>30</sup> Relato sobre o massacre e sobre o próprio Emico, ver: Albert de Aix. in: <<http://www.fordham.edu/halsall/source/1096jews.html>>. 22/09/2009. Também fala sobre Emico, Ekkehard de Aura. in: <<http://www.fordham.edu/halsall/source/1096jews.html>>. 22/09/2009.

<sup>31</sup> Albert of Aix, *op.cit.*



a marca de cruz no ombro, que ele afirmava que Carlos Magno também tinha e que o "Imperador dos Últimos Dias" também teria. Emico anunciava que essa marca era o sinal de que o próprio Cristo o lideraria até a vitória, colocaria a coroa em sua cabeça e que essa coroação aconteceria na parte sul da Itália, governada pelo imperador bizantino. Apesar de Emico dizer ter sido eleito por Deus e querer assumir o papel que o bispo Benzo antes tinha tentado sobrepor a Henrique IV, o de "Último Imperador", a expedição do barão foi um fracasso<sup>32</sup>. Sua horda nunca chegou a Ásia Menor; ao contrário, foram dispersos pelos húngaros e Emico retornou para casa sozinho. Apesar do fim fatídico de sua empreitada, a imagem que Emico tinha criado para si permaneceu mesmo após sua morte. Anos depois de sepultado, ele supostamente "vivia" numa montanha perto de Worms, uma lenda que sugeria que a imaginação popular insistia em transformá-lo no herói adormecido que deveria voltar em algum momento.

Dos exemplos acima, sugeridos por Cohn, compartilho da sua visão quanto à influência do "Último Imperador" nas figuras supracitadas. Todavia, tendo a não ver como uma simples assimilação do Pseudo-Metódio, principalmente não diretamente pelos profetas populares. O uso pelos clérigos do *Apocalipse* pode ser evidenciado simplesmente pela quantidade de cópias do opúsculo nas proximidades da Cruzada, como já citei acima. Quanto ao uso do mito do "Último Imperador" ou de algo muito parecido com ele pelos homens mais "mundanos", ou seja, aqueles que não são clérigos, suponho que seja mais uma apropriação de algo de que devem ter ouvido falar durante as pregações do que de algo com que tenham tido contato direto. Mas seja de uma

---

<sup>32</sup> Apesar de Ekkehard de Aura dizer o contrário. Ekkehard de Aura, op.cit.



forma ou de outra, a esperança que os Cruzados depositaram na presença da figura do "Imperador dos Últimos Dias" que os levaria certamente a vitória não deve ser menosprezada.

Como diz Piron, as contínuas cópias do *Apocalipse* significam que os copistas acharam fundamentos na profecia<sup>33</sup>. Apesar do início do *Apocalipse* ser muito importante, acredito que, para a delimitação temporal deste paper, esses fundamentos se devam a presença do "Último Imperador" nos escritos.

Não tenho a intenção de menosprezar os outros motivos, que são bastante claros, que estimularam aos Cruzados a ir para Jerusalém, como as promessas de salvação imediata e remissão dos pecados caso o peregrino morresse na luta, como Urbano II anunciou no Conselho de Clermont. Todavia, tendo a ver a importância do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* no medievo como uma indicação de que a crença no "Imperador dos Últimos Dias", que levaria a cristandade a uma vitória certa como pregava a profecia, deve ter tido um peso significativo no impulso para a peregrinação dos Cruzados.

---

<sup>33</sup> Piron, op.cit. p.271.